



Gabriel Cid de Garcia

## A eloquência do mundo

*Fernando Pessoa entre a literatura e a filosofia*

Prefácio de  
Richard Zenith

Garamond  
UNIVERSITÁRIA

FAPERJ  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



CONSELHO EDITORIAL

Bertha K. Becker (*in memoriam*)

Candido Mendes

Cristovam Buarque

Ignacy Sachs

Jurandir Freire Costa

Ladislau Dowbor

Pierre Salama

Gabriel Cid de Garcia

# A eloquência do mundo

Fernando Pessoa,  
entre a literatura e a filosofia

G a r a m o n d

Copyright © 2014, Gabriel Cid de Garcia

Direitos cedidos para esta edição à

*Editora Garamond Ltda.*

Rua Cândido de Oliveira, 43 – Rio Comprido

Cep: 20.261.115 – Rio de Janeiro, RJ

Telefax: (21) 2504-9211

www.garamond.com.br

editora@garamond.com.br

*Revisão*

Clarissa Penna

*Projeto visual, capa e diagramação*

Estúdio Garamond

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

G21e

Garcia, Gabriel Cid de

A eloquência do mundo: Fernando Pessoa, entre a literatura e a filosofia  
/ Gabriel Cid de Garcia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2014.

212 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 9788576173625

1. Pessoa, Fernando, 1888-1935 - Crítica e interpretação.

2. Poesia portuguesa - História e crítica. I. Título.

I4-I2033

CDD: 869.1

CDU: 821.134.3-1

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

*À minha mãe, pessoa por osmose.*



## Agradecimentos

À FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro, pelo auxílio concedido para a editoração deste livro.

Ao CNPq, pela bolsa de doutorado concedida, cuja tese resultou neste livro.

À minha orientadora ao longo do doutorado, Ana Lúcia M. de Oliveira, por todos os diálogos ao longo destes anos, pelas leituras atentas e precisas. Aos professores do Instituto de Letras da UERJ Ana Chiara, Carlinda Nuñez, Mario Bruno, Guillermo Giucci, Marcus Motta, Maria Cristina Batalha, cujas contribuições ao longo do meu percurso – tanto no mestrado quanto no doutorado –, foram cruciais para a minha pesquisa.

À Madalena Vaz Pinto, Maria Cristina Franco Ferraz, ao Jorge Vasconcellos e Marcus Motta, pelas intensas conversações e pela participação na banca examinadora.

Ao Richard Zenith, à Judith Balso e ao Rui Magalhães, pela valiosa interlocução.

Aos colegas da Casa da Ciência da UFRJ, da CEAD/UNIRIO e do Instituto de Artes da UERJ, por todo o apoio ao longo do desenvolvimento do trabalho. Aos membros do Polo de Pesquisas em Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, pela abertura e pelo intercâmbio de ideias. Aos amigos de sempre, por toda motivação e incentivo que se expressam de variadas formas, “em flagrante delitro” no velho Lamas – nossa Brasileira do Chiado.

Aos meus pais Miriam e Francisco, minha avó Laura e à minha irmã Daniela. Aos meus tios Márcia e Raul e ao meu primo Fábio. A todos eles, por todo o apoio, pela produção e irradiação de afetos ativos.

À Gloria, ao João Luís, ao Márcio e à Simone, e também à Laura e ao João Pedro, pela força.

À Marina, pelo amor e alegria compartilhados, pelos possíveis multiplicados, pelo amparo e pela presença, por ser a pessoa que de forma mais completa ativa movimentos pelos quais a vida se renova, infinitamente. Enfim, à Clarice, que me ajuda a sentir da forma como Caieiro escreveu, “nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo.”





*Afinal, pouco importa a filosofia de um artista, caso seja apenas uma filosofia acrescentada e não prejudique a sua arte. Todo cuidado é pouco para evitar nos aborrecermos com um artista por uma eventual, talvez infeliz e pretensiosa dissimulação; não esqueçamos que os queridos artistas são e têm de ser todos eles um pouco atores, e que sem atuar dificilmente aguentariam por muito tempo.*

Nietzsche (sobre Wagner), *A gaia ciência*



# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	9
<b>Introdução</b> .....	13
<b>I. O FILÓSOFO E SEUS HETERÔNIMOS</b>	
1.1 Adentrando o manicômio .....	25
1.2 Filosofia e literatura na filosofia francesa contemporânea ...	27
1.3 A contemporaneidade filosófica de Pessoa .....	37
1.4 A metafísica sem metafísica e o fracasso da filosofia de António Mora .....	37
1.5 O contágio heteronímico: o devir-Pessoa .....	43
<b>2. “EU ERA UM POETA ANIMADO PELA FILOSOFIA...” – PESSOA E DELEUZE</b>	
2.1 Gilles Deleuze e o enfrentamento do caos .....	51
2.2 Favorecendo o diagnóstico: a tendência à despersonalização .....	57
2.3 Uma estética não aristotélica .....	65
2.4 Força e forma: o mundo devindo sensível.....	67
2.5 Conceito, sensação e não filosofia: a passagem infinita do caos .....	75
<b>3. OS ESPAÇOS OUTROS PESSOANOS: HETEROTOPIA E HETERONÍMIA</b>	
3.1 A topologia transbordante: os espaços para além da arca....	79
3.2 O outramento do espaço heteronímico: a loucura e António Mora.....	84
3.3 O conteúdo do delírio e a escrita como caso de devir .....	89
3.4 O Paganismo e o Exterior como dimensão impessoal .....	91
3.5 O mundo-manicômio ou a literatura como saúde .....	94

<b>4. MULTIPLICIDADE E HETERONÍMIA</b>	
4.1 O empirismo e o humor .....	97
4.2 O estatuto do múltiplo .....	100
4.3 O acontecimento Pessoa, para além da pessoa central .....	103
4.4 A (des)obra rizomática .....	109
4.5 A literatura e a grande recusa.....	113
<b>5. RETORICIDADE E HETERONÍMIA</b>	
5.1 Da inutilidade das certezas.....	117
5.2 Metafísica e verdade .....	120
5.3 O antropomorfismo retórico da filosofia: retórica e sofística.....	122
5.4 Efeitos-mundo e a criação da realidade pelo discurso .....	131
5.5 Retoricidade como a-fundamento do pensamento.....	134
<b>6. O MÉTODO DE DRAMATIZAÇÃO E A POTÊNCIA FABULADORA</b>	
6.1 Do logos ao drama: o método de dramatização .....	139
6.2 Um método inaugural em filosofia: os conceitos e as forças .....	141
6.3 Os sujeitos larvares na escrita autointerpretativa de Pessoa.....	145
6.4 Teoria das ficções de António Mora .....	149
6.5 Fabulação e Paganismo .....	155
<b>7. PARTES SEM UM TODO: A ILUSÃO DA TOTALIDADE</b>	
7.1 O sistema filosófico destacado da poesia: o trágico entre Caetano e Mora .....	171
7.2 O percurso apolíneo da história da filosofia .....	175
7.3 Os erros basilares em que assenta a metafísica .....	181
7.4 Trágico e acaso: a dissolução da ideia de natureza.....	186
7.5 Ecletismo filosófico e vida impessoal .....	193
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS – DESDOBRANDO O INFINITO.....</b>	<b>199</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>205</b>

## Prefácio

“Eu era um poeta animado pela filosofia, não um filósofo com faculdades poéticas.” Fernando Pessoa *dixit*. Mesmo assim, gastou muita tinta a escrever – ou a tentar escrever – textos e até tratados filosóficos, na sua maioria incompletos. O valor dessas tentativas varia, porém as maiores intuições filosóficas de Pessoa tendem a ocorrer na sua poesia, em trechos do *Livro do Desassossego* ou noutras obras literárias. É sabido que existe uma inteligência que é apanágio da poesia. Existe também uma inteligência que vem do acaso, que surge nos interstícios e que não tem dono: é a da vida. Pessoa *queria* ser sistemático – na sua filosofia e em tudo o resto –, mas não o conseguia, por estar demasiadamente consciente de que qualquer unidade maior, qualquer conjunto coerente, qualquer sistema lógico, é ilusório. Avisou-nos (e era também uma lembrança para si mesmo) que o verso mais importante de Alberto Caeiro, o aclamado Mestre, é este: “A Natureza é partes sem um todo.”

Gabriel Cid escutou bem este aviso. Em vez de vasculhar a obra pessoana em busca de pedaços aproveitáveis para construir uma filosofia ou uma posição filosófica do poeta, procurou mostrar como esta obra “eloquentemente” desmonta e desmente qualquer pretensão de chegar a uma filosofia entendida como conhecimento da realidade organizável em palavras. E em vez de perder tempo a contar o número de heterônimos e a distinguir entre “heterônimo”, “semi-heterônimo”, “sub-heterônimo” e “pré-heterônimo”, o autor deste livro analisou o *fenômeno* da heteronímia e o seu significado não apenas para Fernando Pessoa e para o nosso entendimento da sua obra, mas também para o conhecimento que vamos tendo de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Um conhecimento que nunca pode ser seguro e estável, porque também o não somos. A verdade não existe e nunca existirá; vai existindo, apenas.

Os terrenos percorridos por *A eloquência do mundo* já foram desbravados por outros, mas este estudo oferece-nos uma série de novas observações e incisivas análises, apresentadas de forma cuidadosa, sempre com sólidas bases de argumentação. O autor é um generoso e hábil expositor de conceitos filosóficos – de Nietzsche, Deleuze, Guattari, Blanchot, Rosset, Bergson e outros – e estabelece ligações extremamente pertinentes entre eles e outros tantos conceitos ou atitudes da obra de Fernando Pessoa.

Devo confessar que, quando a tese de doutoramento que deu origem ao presente livro chegou às minhas mãos, senti um misto de curiosidade e hesitação antes de proceder à sua leitura. Sou sobretudo um apaixonado da literatura, sem muita paciência para a filosofia, exceto quando o filósofo é alguém como Nietzsche, um dos grandes prosadores da língua alemã e que tem a vantagem de nunca ter separado a ciência do saber da pessoa que o procura e da vida em que se insere. A sua filosofia também era, afinal, um refinado exercício literário. Ora, a relação entre o exterior (o mundo circundante) e o interior (a consciência), bem como o modo como a literatura consubstancia e dinamiza essa relação, são tópicos centrais do presente livro, escrito com grande clareza e até elegância. Fui rapidamente conquistado. Claro que não é como ler um romance, pois trata-se de uma matéria densa, mas é uma bela história e muito bem contada.

Eduardo Lourenço, um dos primeiros grandes exegetas de Pessoa, sustenta que a sua obra – cujos milhares de páginas assinadas por dezenas de autores fictícios constituem uma peregrinação existencial sem precedentes – já não pertence à categoria denominada pela palavra “literatura”. Será, antes, uma “literatura-outra”. Ao ler as páginas que estas minhas palavras prefaciam, ocorreu-me que se pode dizer, com igual verdade, que as linhas de pensamento de Fernando Pessoa não formam uma filosofia, mas sim, uma “filosofia-outra”. Aliás, parece ser este o ponto de vista de Alain Badiou, quando sugere que a filosofia contemporânea ainda não desenvolveu as ferramentas conceituais e discursivas para lidar adequadamente com o empreendimento poético do escritor português falecido em 1935.

Ainda em vida de Pessoa, no ano de 1921, Ludwig Wittgenstein publicou o seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, que termina com o

célebre ditame: “Acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio”. Porém Pessoa, que nem sequer sabia da existência do filósofo austríaco, percebeu que não se pode falar acerca de absolutamente nada, se por “falar” se entender “dizer a verdade sobre”. Em vez do silêncio total, o nada, preferiu falar prolixamente, sobre tudo o que lhe apetecia, como um deus que diz “Haja luz” e com isso a luz nasce, e todas as coisas após ela, criando mundos. Se a luz e todo o resto realmente existem era uma das várias questões que Pessoa, enquanto pensador, também colocava, como uma grande criança que brinca com berlindes. No entanto, não era um jogo meramente solitário, pois todas as palavras que disse e escreveu só faziam para ele sentido devido à possibilidade de comunicarem conosco, os seus leitores. Escrever era a sua maneira de ser e também de compartilhar e até de amar – e tudo isso confusamente, no mesmo impulso, no mesmo gesto. Fico grato a Gabriel Cid por ter lançado tanta luz sobre este fascinante exemplo de como estar no mundo.

Richard Zenith

Lisboa, fevereiro de 2014





## Introdução

Ao propor um estudo a partir de uma perspectiva comparatista entre a literatura e a filosofia, uma questão maior nos acomete: esses dois domínios que se apresentam, em regra, como detentores de propriedades e linhas demarcatórias, padecem, com a intensidade de determinadas obras, de uma fragilidade que poderia inocular sua individualidade, evidenciando a imprecisão e a opacidade de suas fronteiras ao revelar uma camada anterior que antecede e antecipa a possibilidade da construção de seus limites enquanto modos distintos de escrita e expressão. Tendo em vista a problematização, apontada por Philippe Sabot (2002), de uma intensidade poética e literária em expressões da filosofia contemporânea, e a partir da suspeita de que o pensamento e sua expressão não se limitam a uma única forma, convém analisar de que modo podemos pensar, em diálogo com Fernando Pessoa, uma relação possível entre filosofia e literatura, já que, quando lemos Pessoa e seus heterônimos, facilmente encontramos temas que dizem algo para além do que podemos chamar de literário, ao mesmo tempo em que encontramos algo para além do que podemos chamar de meramente filosófico.

Considerados por Pessoa como constituintes de uma grande biblioteca virtual (Pessoa apud Seabra, 1974), grande parte dos escritos inéditos dispersos na arca do poeta, publicados apenas postumamente, viriam conferir à sua produção um grau ainda maior de complexidade. Complexidade que não se resume à variedade de sua poesia, mas abrange, sobretudo, seus escritos que apresentam um conteúdo associado, por aproximação de estilo, ao que se convencionou chamar de discurso filosófico. É na sua relação com a filosofia que a obra de Pessoa alcança um estatuto problemático, ponto motivador de nossa pesquisa. Tratando de questões gerais que podem ser consideradas propriamente filosóficas, tanto sua poesia quanto sua obra em prosa

– incluídos aí seus escritos autobiográficos – parecem estabelecer uma conversa que dialoga, à sua maneira, com campos que são extraliterários, e em específico com a filosofia. Mas essa conversa – que se dissemina de forma diferencial ao longo de seus escritos –, como situá-la? A “obra” de Pessoa se apresentaria, de fato, como instância que opera duplamente: por um lado, enquanto literatura (poemas, contos e peças), ela se relaciona com o discurso filosófico, e por outro, com as reflexões filosóficas também depreendidas de escritos críticos e epistolares, faz com que os limites de cada campo sejam dissolvidos, apontando para a desqualificação de um primado concedido aos critérios que, historicamente, se ocuparam de definir e separar o discurso literário do filosófico.

De acordo com Alain Badiou (2002b), os escritos pessoanos comportariam uma questão que se coloca para além de todas as correntes contemporâneas da filosofia, impondo-se como verdadeiro desafio ao pensamento atual. Isso se dá devido à afirmação simultânea de teses que se apresentam como contraditórias, reverberando e subvertendo toda a história do pensamento, tradicionalmente imbuída da busca da verdade, de uma totalização do conhecimento. Desdobrada em heterônimos, sua escrita diferencial comportaria em si a justaposição de formas de ver e compreender o mundo. O que buscamos investigar são elementos que envolvem a gênese desse processo, analisando se o modo pelo qual esse desdobramento se dá poderia ser tomado como anterior às formas constituídas das personalidades particulares, apresentando-se como uma disposição trágica e, portanto, antidia-lética, do pensamento.

Nossa proposta não será a exegese crítica de sua obra publicada, buscando uma unidade ou uma leitura estruturante – até porque, inevitavelmente, já ousaram trilhar esses caminhos (ver Lourenço, 1981) –, mas sim a apropriação de elementos contidos em partes diferenciadas de sua produção que podem contribuir, em diálogo com a filosofia, para a compreensão de uma disposição expressiva pré-consciente que não apenas subverte a razão, mas convida o homem a entendê-la de forma radicalmente outra. Tendo em vista que seus escritos são, em essência, múltiplos – tanto no sentido numérico quanto no sentido de diversificação das vozes que o povoam –, convém admitir que eles

podem ser lidos, igualmente, de forma múltipla, atentando para as diversas entradas possíveis, correspondentes aos problemas que sua fala plural evoca.<sup>1</sup>

Privilegiamos, como via de entrada para essa leitura de Pessoa, um ponto de partida também capaz de atuar como intercessor dos desdobramentos que nos propomos a analisar: o heterônimo António Mora, que assina grande parte dos escritos filosóficos de Pessoa, além de figurar também como um personagem – um louco internado em um sanatório. Tal objeto de estudo estabelece ressonâncias teóricas que merecem atenção. Será ele o responsável por reunir em seus livros um pensamento sobre a crise da metafísica, que também pode ser lida, de acordo com ele, como uma introdução à obra de outro heterônimo pessoano, Alberto Caeiro. A intertextualidade se potencializa pelo fato de ser Caeiro considerado o mestre dos heterônimos,<sup>2</sup> aquele que teria sido o germe que trouxera à luz os problemas com os quais se debatem os outros. Sendo assim, o fato de Mora, um filósofo em um sanatório, escrever a filosofia que Caeiro teria expressado em forma de poesia se qualifica como um dado importante para que tomemos seus escritos como chave problemática do fenômeno estético que conhecemos pelo nome de Fernando Pessoa. Entre a loucura e a razão, quem é o mestre e quem é o súdito?

Seus escritos filosóficos representam, portanto, uma via de compreensão possível para o drama do pensamento que sua obra encarna. De acordo com Luís Filipe B. Teixeira, no esboço bibliográfico da edição crítica, “a filosofia de Mora é aquela que Caeiro se esqueceu de escrever por, enquanto poeta, o não poder fazer. Ela tem por objetivo construir uma ética assente num suporte estético” (Teixeira, 2002, p. 22). Com a intenção de revitalizar um estágio da humanidade anterior às projeções de uma dimensão inteligível sobre o que é próprio do

---

1 Tal multiplicidade é reforçada pela arbitrariedade dos critérios editoriais, que imprimem direções específicas, no mínimo, uma seleção de recorte nos escritos desde sempre erráticos de Pessoa, contribuindo para que sua pluralidade seja encarada de forma radical, como impossibilidade de uniformização total de uma obra, impossibilidade de uma via de mão-única para sua leitura.

2 Sobre a mestria de Caeiro, ver a comunicação de Jorge de Sena publicada nas *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos* (Sena, 1978, pp. 343-364).

sensível, Mora se coloca como um precursor “sanatorial” de Caeiro, buscando, com seu Paganismo Transcendental, uma tentativa radical de reabilitação do sensível.

Não se trata de procurar, como o adverte Benedito Nunes (1974), por uma doutrina filosófica que se constituiria como o fundamento da expressão literária do poeta, mas, antes, perceber entre os escritos a impossibilidade de se reduzir a questão aos termos que a polarizam, intuindo formas de relação com o mundo que não pressupõem mais o discurso filosófico como via privilegiada de acesso ao conhecimento. Tendo em vista essa via de entrada, nosso estudo compreende, portanto, escritos de Pessoa/Mora que dão a ver a derrocada do projeto da razão ocidental, que se constituiu, de acordo com Clément Rosset (1989), na aurora do discurso filosófico, pela negação das noções de acaso, desordem e caos, o que implicaria uma negação do próprio real.

Se pudermos apontar uma origem para o desligamento entre uma dimensão própria à filosofia e uma dimensão própria à poesia, podemos focar a Antiguidade. Sócrates deixou claro, na *República*, a condenação da poesia em favor da justiça diante da verdade, uma condenação baseada nos efeitos ilusórios que as artes miméticas produzem nas almas dos homens, aproximando-as do irracional. Desde então, a tradição do pensamento ocidental caracteriza o discurso filosófico como expressão de uma linguagem objetiva e específica, capaz de dizer certas coisas a respeito do mundo de um modo que não o da poesia e da mitologia, recusando as aparências, os afetos, os elementos falseantes e subjetivos que afastariam o discurso do racional, de uma verdade universalizante reduzida à correspondência com a realidade. Esse movimento, incumbido de concretizar uma ideia de verdade baseada em categoriais universais e valores imutáveis, assinala o percurso da tradição metafísica ocidental como uma monumental construção retórica de domesticação do pensamento, uma vez que delimita, por meio de imposições discursivas e posterior introjeção, modelos e sistemas que se encarregam da manutenção de dualismos, os quais operam uma desvalorização da vida em prol de uma dimensão suprassensível, inteligível, instaurados e erigidos como balizadores da experiência.

Procuraremos investigar se essa disposição retórica, que se encontra na base do que Gilles Deleuze chamou de imagem clássica – ou dogmática –, do pensamento,<sup>3</sup> pode ser considerada como constitutiva da organização da razão, tendo em vista que todo discurso, incluído o da autoridade, teria sua gênese, sem exceção, em perspectivas singulares, contingentes, sempre atrelado a uma malha de interesses.

É nesse sentido que a ênfase no estudo dos escritos pessoais pode contribuir para evidenciar a falibilidade do pressuposto, mormente aceito, de que a vida precisa se guiar por critérios de verdade, de que o conhecimento só é válido se busca a objetividade. Restituindo à poesia seu caráter fundacional, sua potência reflexiva que não existe fora de componentes afetivas e ficcionais, Pessoa enseja a necessidade e a hora da invenção de uma compreensão de mundo outra, assim como ele próprio se entrega ao *outramento*, uma vez que o discurso filosófico se percebe como insuficiente para lidar com a crise contemporânea dos valores herdados da modernidade.

Para Roland Barthes (2004a), a modernidade começa com a busca de uma literatura impossível, um esforço para destruir as ordens significantes de tempos passados e fazer emergir algo novo, que, por sua vez, poderá ser novamente destruído. Essa impossibilidade da literatura, sua tragicidade moderna, provém do fato de se instaurar em um limiar, entre a conservação da convenção e a destruição dessa mesma convenção, destruição de toda postura predicativa. Esse embate se configura como a afirmação de uma dilaceração da linguagem, ao mesmo tempo em que é o esforço para ultrapassar a linguagem mesma, por meio da experimentação, na qual há o gradual abandono da convenção, preconizando a contemporaneidade. Ademais, a mera evidenciação desse embate não seria satisfatória se não estivesse agregado a ela o clamor de um desafio ao mesmo tempo ético e político, uma vez que o impulso despótico significador consiste em anular as

---

3 Nas palavras de Deleuze, “o pensamento conceptual filosófico tem como pressuposto implícito uma Imagem do pensamento pré-filosófica e natural, tirada do elemento puro do senso comum. Segundo essa imagem, o pensamento está em afinidade com o verdadeiro, possui formalmente o verdadeiro e quer materialmente o verdadeiro. [...] Podemos denominar essa imagem do pensamento de imagem dogmática ou ortodoxa, imagem moral” (Deleuze, 2000a, pp. 228-229).

diferenças, as aparências, as sensações, instaurando um processo de negação do real que oblitera a invenção de novas possibilidades de vida, de uma existência artística.

É com esse viés que buscamos, na filosofia francesa contemporânea, elementos que reaproximam o pensamento da arte, questionando as pretensões tradicionais que se ocuparam de fixá-lo em alguma instância centralizadora. Nesse cenário, pensadores contemporâneos de inspiração nietzschiana inauguraram na França leituras filosóficas da arte que privilegiavam artistas cujas obras estariam empenhadas em modos específicos de afirmar a vida, o acaso, enfatizando a diferença e as sensações. Trabalharemos com o pensamento de alguns desses filósofos, por estabelecerem novas bases para as reflexões sobre arte e, sobretudo, sobre a relação entre arte e pensamento. O próprio Pessoa foi apresentado por Gilles Deleuze como um artista capaz de traçar uma nova imagem do pensamento, uma resignificação do pensar que não se daria pela criação de conceitos, mas pela afirmação de entidades poéticas, figuras sensíveis, aliada a um método específico de despersonalização. Transpondo os limites entre o filosófico e o literário, atribuindo às sensações um privilégio e uma anterioridade em relação aos ditames metafísicos da razão, a heteronímia pessoana poderia ser entendida como condição ontológica que apresenta a permuta de diferentes modos de expressão e apresentação do pensamento, dando a ver sua irredutibilidade ao eu, minando de antemão qualquer condição identitária para que uma escrita se dê.

Os escritos de Pessoa, tanto filosóficos como literários, apresentariam, por meio da expressividade heteronímica, uma base poética ontológica imanente, detectável e comum a todas as formas de expressão, capaz de afirmar a vida, em sua nudez originária, como fenômeno estético, como aparência, obra em processo, condenada à eterna novidade de seus instantes. A heteronímia seria compreendida aqui enquanto potência retórica impessoal, capaz de enviar a enunciação sempre a uma terceira pessoa, a uma voz delirante operando no fundo de cada discurso, evidenciando uma relação com o mundo anterior às significações e a modelos de representação entranhados na linguagem.

Desse modo, o método pessoano de despersonalização torna impossível a confiança no ideal clássico da razão, que imputava ao

pensamento uma imagem, atribuindo-lhe a função da representação. Para além daquilo que o pensamento, reduzido à reflexão e à reconhecimento, poderia pensar, a heteronímia se qualificaria como acesso a uma dimensão impessoal, um desdobramento da relação analisada por António Mora entre o *Exterior* e a individualidade. Fora da intimidade e da integridade do indivíduo, encontraríamos as singularidades do mundo, a diferença não referida à unidade com a qual a literatura se debate.

É nesse sentido que o universo intertextual pessoano produziria o que Maurice Blanchot denominou de “grande recusa” (2001), no que concerne à evasão radical dos regimes que reenviam à permanência, à integração, à unidade, entendendo, por sua vez, a arte como instância cujo movimento opera fora dos critérios que estabelecem o falso e o verdadeiro. Enfrentar o Fora – esse não lugar que se define pela diferença intensiva de forças em relação, anteriores e constitutivas das formas –, tal seria a característica que define o pensamento, afastando-se da coerência que persegue a segurança do eterno e do estável, em detrimento do real e de seus elementos caóticos, que a todo instante atestam o devir, a mudança, a instabilidade e a dissolução das formas. Nessa vertiginosa experiência trágica que marca a literatura moderna, qualquer interioridade é já lançada ao exterior, impedida de constituir-se em uma experiência que fosse definível, restrita à intimidade de um sujeito, quantificável e tributária das certezas de um *Eu*.

Tal experiência do Fora, franqueada pela arte, no lugar de representar o mundo e seus constituintes familiares, permite acesso ao que se encontra em seu exterior radical, neste “outro de todo o mundo” (Blanchot, 1987, p. 70), no mesmo movimento em que faz o mundo “verdadeiro” desaparecer pela palavra. O deslocamento opera da seguinte forma: no lugar de se procurar a verdade inalcançável do mundo, trata-se de investir eticamente na potência fabuladora que se ocupa de produzir mundos, onde a verdade não se descarna das perspectivas.

Desdobrada por Michel Foucault e Gilles Deleuze, essa dimensão do Fora, anterior à consistência da subjetividade, fundamenta nossos movimentos seguintes de análise, que compreendem o equacionamento de arte e pensamento. Partindo das reflexões de Clément Rosset, que denunciam aspectos ilusórios presentes na construção da tradição do pensamento ocidental, situaremos a literatura no lugar que permite

o acesso ao caos, ao trágico, velado e vilipendiado pela metafísica. Desse modo, a partir da reunião de nossas investigações, procuraremos analisar de que forma a crítica de António Mora à tradição metafísica ocidental, em ressonância com o pensamento contemporâneo, pode se constituir como um intercessor capaz de dar a ver uma potência impessoal atuando entre a filosofia e a literatura, representada pelo verso de Alberto Caeiro: “a natureza é partes sem um todo”.

Pensar filosoficamente essa impessoalidade não é uma tarefa limitada a um estudo sobre aspectos específicos de uma determinada obra e suas prováveis contextualizações e ressonâncias com outros autores. Pensá-la é uma tarefa que diz respeito à totalidade dos universos da literatura e da filosofia, cuja ressonância se atualiza de maneira particular no recorte escolhido, a partir do fenômeno estético Fernando Pessoa. Pela tentativa de tornar ao mesmo tempo mais palpável e mais abrangente a análise, a escolha de Pessoa como um grande intercessor dessa investigação pode ser justificada, visto que, de acordo com uma passagem de um prefácio para um projeto de publicação de sua obra (não concretizado), ele já teria assegurado que não estamos lidando com “um só escritor, mas toda uma literatura” (1966).



Este livro se dedica a um tema tão rico quanto instigante: a partir de questões suscitadas pelo “fenômeno estético Fernando Pessoa”, examinar não apenas as ressonâncias entre filosofia e literatura, bem como a dissolução dos limites entre esses campos. Por intermédio de um esclarecedor diálogo com relevantes filósofos franceses contemporâneos de inspiração nietzschiana, tais como Deleuze, Foucault, Blanchot e Rosset, Gabriel Cid de Garcia conduz o leitor ao ponto crucial de sua análise: mostrar como a obra pessoana possibilita pensar questões que facultam o abandono da “monumental construção retórica de domesticação do pensamento” constituída pela tradição metafísica ocidental.

*Ana Lúcia M. de Oliveira*



[www.garamond.com.br](http://www.garamond.com.br)

